

Machado de Assis: um manipulador de interjeições

Machado de Assis: a manipulator of interjections

MATEUS TAVARES COSTA

Graduado em Letras - UNIPAM

E-mail: mateuscosta@unipam.edu.br

GEOVANE FERNANDES CAIXETA

Professor orientador - UNIPAM

E-mail: geovane@unipam.edu.br

Resumo: Neste artigo, objetivou-se comprovar a tese de que Machado de Assis, no livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é um manipulador de interjeições. Para isso, buscou-se em Candido (1976), Rosenfeld (1976) e Brait (1985) a caracterização de personagens literárias e em Caixeta (2005, 2015) a compreensão do fenômeno interjeição. Foram rastreadas e classificadas as manifestações interjetivas proferidas por quatro personagens das *Memórias*: Brás Cubas narrador, Brás Cubas personagem, Dona Eusébia e Virgília. Percebeu-se que, de fato, Machado de Assis, nas *Memórias*, manipula as interjeições, por meio das quais é possível perceber como cada personagem se comporta emocional e emotivamente, social e psicologicamente. Por fim, detectou-se também, nas *Memórias*, a presença de manifestações interjetivas gráficas, algo ainda não documentado.

Palavras-chave: Interjeição. Interjeição gráfica. Machado de Assis.

Abstract: In this article, the objective was to prove the thesis that Machado de Assis, in the book *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, is a manipulator of interjections. For this, Candido (1976), Rosenfeld (1976), and Brait (1985) sought the characterization of literary characters, and Caixeta (2005, 2015) an understanding of the phenomenon of interjection. The interjective manifestations given by four characters from *Memórias* were tracked and classified: Brás Cubas narrator, Brás Cubas character, Dona Eusébia and Virgília. It was noticed that, in fact, Machado de Assis, in the *Memórias*, manipulates interjections, through which it is possible to perceive how each character behaves emotionally and emotionally, socially and psychologically. Finally, the presence of visual interjective manifestations was also detected, in the *Memórias*, something not yet documented.

Keywords: Interjection. Graphical interjection. Machado de Assis.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi lançado, em 1880, em formato de folhetim; em 1881 foi publicado no formato de livro. O tempo não apagou – e talvez jamais apague – essas *Memórias*, já que elas, na literatura brasileira, cristalizaram-se como referência literária. O autor delas, Machado de Assis, consagrou-se como um dos mais importantes escritores de língua portuguesa. O conjunto de sua obra revela facetas de um escritor genial – e essa sua genialidade caracteriza-se, sobretudo, pelo fato de que não se esgotaram as possibilidades de leitura do “bruxo” e de suas feitiçarias.

Independentemente de, hoje, ser esse gênio um “autor defunto”, suas *Memórias* estão vivas e, notável e provisoriamente, (in)decifráveis. Portanto, as *Memórias* são um clássico.

Memórias é um romance que foi – e é – alvo de muitos estudos, os quais focam a ironia, o fantástico e a liberdade formal, entre outros temas. É uma narrativa não linear, em que a presença de comentários periféricos, caracterizados por ironias, é não só para os leitores, mas também para os críticos, o centro de interesse pela dimensão e contemporaneidade. No romance em questão, Brás Cubas, narrador e protagonista, decide, após sua morte, contar suas memórias. Como morto, ou como um “defunto autor”, revela sua ironia e sua causticidade em relação a uma sociedade cujas instituições se fundam na hipocrisia. O próprio defunto autor, Brás Cubas, disse que escreveu a obra com a “pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio” (ASSIS, [1881] 1992, p. 16). Temas como casamento, adultério, comportamentos individuais e sociais são alvos do parecer rude e mordaz de Machado de Assis, travestido de Brás Cubas. Desse modo, as personagens são de interesse deste trabalho.

Há mais de oito décadas, na edição de 18 de junho de 1939 do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, Astrogildo Pereira assim se expressou em relação à crítica a Machado de Assis: “[...] nenhum outro escriptor brasileiro, em nenhum tempo, foi tão falado, tão manuseado, tão esquadrinhado quanto Machado de Assis actualmente.” (PEREIRA, 1939, p. 17). Essa citação sinaliza que sempre há “novas perspectivas” de estudos acerca de Machado de Assis e de sua obra. Conforme Pereira (1939, p. 17) em outra passagem de seu texto, “Ha muito mysterio ainda em Machado de Assis. Mysterio fascinante, que attrahe e enfeitiça deliciosamente os decifradores”.

Considerando a atualidade da “fala” de Astrogildo Pereira, o objetivo deste artigo é apresentar argumentos favoráveis à tese de que Machado de Assis, no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é um manipular de interjeições. Para isso, num primeiro momento, foram abordadas (i) a construção de personagens literárias, e os autores selecionados foram Candido (1976), Brait (1985) e Rosenfael (1976) e (ii) a semioticidade das manifestações interjetivas, e os autores selecionados foram Caixeta (2005, 2015) e Gonçalves (2002). Num segundo momento, foram feitas, subsidiando-se nos dois passos anteriores, a identificação e a análise das manifestações interjetivas presentes nas *Memórias*. A interseção desses momentos forneceu os argumentos para a sustentação da tese.

Machado de Assis, ao utilizar-se de um narrador irreverente, galhofeiro e farsola, mostra sua capacidade de lidar com uma infinidade de usos da língua(gem), principalmente com o fenômeno interjetivo. Nas *Memórias*, esse fenômeno parece ser uma ferramenta conduzida pelo escritor para, nas entrelinhas de seu texto, mostrar quem são as suas personagens do ponto de vista emocional, emotivo, social e psicológico. O perfil de cada personagem não se reduz a uma descrição física; na composição de cada perfil, Machado de Assis recorre a uma semioticidade advinda do uso de interjeições para sinalizar aos leitores como as personagens se comportam, emocional e emotivamente, social e psicologicamente, com elas mesmas, com seus interlocutores, com o assunto ou com a situação comunicativa. Machado de Assis não descreve exaustivamente suas personagens; ele sugere atitudes e comportamentos delas

– as interjeições proferidas por elas são um recurso para a montagem dos perfis pretendidos ou sugeridos.

Nas *Memórias*, há uma constelação de personagens, como Brás Cubas (narrador e protagonista), Sabina (irmã de Brás Cubas), Cotrim (cunhado), Bento (pai), Virgília (noiva, amante), Quincas Borba (amigo), Marcela (primeiro amor), Lobo Neves (esposo de Virgília) e Dona Eusébia (amiga da família de Brás Cubas). Neste artigo, em função das delimitações de espaço, foram analisadas apenas as manifestações interjetivas de quatro personagens: Brás Cubas narrador, Brás Cubas personagem, Dona Eusébia e Virgília. Apesar dessa restrição no conjunto de personagens que povoam as *Memórias*, deve-se salientar que as demais são de grande importância na narrativa.

Inexistem estudos acerca das manifestações interjetivas nas obras de Machado de Assis. Como nas *Memórias* há um imenso uso de interjeições, torna-se pertinente uma análise delas, considerando-as como estratégias do escritor para contribuir para a composição emocional, emotiva, social e psicológica de suas personagens. Desse modo, espera-se que este estudo subsidie pesquisas futuras em que as personagens possam ser examinadas semioticamente: basta levar em consideração que as interjeições, ao serem proferidas, reverberam nos/pelos corpos, presentificando, (in)diretamente, um modo singular de se estar numa situação comunicativa, emocional e emotivamente, social e psicologicamente.

2 O ESCRITOR E AS PERSONAGENS LITERÁRIAS

Machado de Assis “acostumou-se a olhar por trás das máscaras sociais, a fim de revelar o jogo das relações sociais, de compreender a natureza humana, focalizando personagens com penetrante espírito de análise” (CAMPEDELLI, 1999, p. 188). Para essa autora, “[...] nos indivíduos existem sempre intenções supostas para objetivos reais. É disso que resultam os atos, os quais se dirigem sempre para a satisfação pessoal de quem os pratica” (p. 188). As *Memórias* são, desse modo, um macrocosmo de personagens.

Para José Candido (1976, p. 54), a personagem de um romance “representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos”. José Candido estabelece uma comparação entre personagens e pessoas do cotidiano. Para o teórico,

[...] na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CANDIDO, 1976, p. 58-59).

Esse posicionamento de José Candido sustenta o que se defende neste artigo: o escritor Machado de Assis, ao colocar na boca de suas personagens inúmeras interjeições, estaria sinalizando para os leitores sutilezas emocionais, emotivas, sociais e psicológicas dessas mesmas personagens; desse modo, é exigido do leitor uma capacidade de ler as potencialidades semióticas das manifestações interjetivas. Segundo Candido, a linha de coerência das personagens é, no romance, fixada para sempre pelo escritor. “E isto não quer dizer que seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica” (CANDIDO, 1976, p. 59). Para finalizar sua argumentação acerca dessa linha de coerência dos personagens de um romance, Candido (1976, p. 59) afirma:

Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo.

No livro *A personagem*, Beth Brait (1985) analisa a concepção das personagens. Essa autora (1985, p. 52) assim se expressa:

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos.

Se o texto é o produto final dessa espécie de bruxaria, ele é o único dado concreto capaz de fornecer os elementos utilizados pelo escritor para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor. Nesse sentido, é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para caracterizar as personagens. Candido (1976) e Brait (1985) deixam entrever que o escritor, na construção de personagens, é um exímio manipulador de estratégias. O escritor é capaz de delinear, na composição das personagens, uma “curva de existência” delas por meio de uma “caracterização

linguístico-literária”. No entanto, essa construção de personagens admite leituras diversas. Nas *Memórias*, por exemplo, Machado de Assis, por meio de Brás Cubas, não se restringe, na caracterização das personagens, a uma exposição exaustiva de traços físicos e comportamentais.

Segundo Cardoso (2001), a personagem é um elemento intratextual, o que significa que ela é uma construção interna à narrativa. As personagens são fictícias, mas têm forma própria de existir (BRAIT, 1985). As personagens se movimentam e se fazem coerentes nos limites do texto. O autor é o criador delas, integrando-as ao ambiente físico, social, cultural, psicológico. O *design* de uma personagem é o resultado, portanto, de semioses que corroboram a intenção do autor na configuração desse ser ficcional: composição física e psicológica, cenário, comportamentos sociais e culturais, entre outros elementos dessas semioses. Segundo Rosenfeld (1976), as personagens são seres puramente intencionais e projetadas por orações – nessa perspectiva, as personagens são criações de linguagem e se circunscrevem nos limites dessa mesma linguagem – criações e circunscricões, ambas esquematizadas pelo autor. Cabe aos leitores, no seu tempo, dar vida às personagens, tornando-as elementos extratextuais. Nesse viés, Machado de Assis, um ser psicossocial, é um *designer* de personagens coerentes dentro da ficção narrativa, dentro da linguagem.

Para Rosenfeld (1976), as personagens de um romance são, física e psiquicamente, configurações esquemáticas. A sagacidade do escritor, na feitura esquemática das personagens, encontra-se também numa caracterização indireta deles. Como exemplo disso, os leitores podem perceber que as personagens das *Memórias* (re)agem emocional, emotiva, social e psicologicamente em relação a elas mesmas, aos seus interlocutores ou à situação sociocomunicativa. Nem Machado de Assis nem Brás Cubas narrador descrevem metalinguisticamente as reações emotivas e emocionais abruptas de seus personagens. Os leitores são dirigidos a esta leitura: as manifestações interjetivas são, assim, uma das estratégias sinalizadoras do comportamento das personagens.

As concepções de Candido (1976), de Brait (1985), de Cardoso (2001) e de Rosenfeld (1976) a respeito da construção, composição e esquematização de personagens, somadas às de Caixeta (2005, 2015) a respeito das manifestações interjetivas (o que será tratado na seção seguinte) e de como distribuí-las numa classificação operacional, subsidiam teoricamente o que se defende neste artigo: Machado de Assis, nas *Memórias*, é um manipulador de interjeições.

3 INTERJEIÇÕES COMO REAÇÕES ATITUDINAIS

Para Caixeta (2005), interjeição é uma manifestação de caráter emotivo/expressivo que não é descrita metalinguisticamente pelo falante, como <eu estou surpreso, vou reagir abruptamente> ou <não estou (tão) surpreso, não vou reagir abruptamente>; é presentificada, com maior ou menor envolvimento, atitudinalmente pelo falante diante de diferentes “objetos”, quais sejam, o (inter)locutor, a mensagem e a situação. Na perspectiva de Caixeta (2005, 2015), as interjeições são dêiticas na medida em que sempre sinalizam o estado de emoção presentificado por que passa o falante em relação a algo que lhe é externo, ou seja, são sempre uma reação.

Caixeta (2015) afirma que as interjeições colorem, expressiva, emocional e emotivamente, as trocas comunicacionais e singularizam o falante (no caso das *Memórias*, as personagens) como sujeitos de intenções e/ou atitudes valorativas. Na escrita de *Memórias*, proliferam-se interjeições, que, por serem um fenômeno semioticamente expressivo, sinalizam a sagacidade de Machado de Assis na esquematização de suas personagens. Ao leitor de *Memórias* é exigida, portanto, esta habilidade: não restringir a compreensão das personagens ao que é descrito, mas ao que é vivido e presentificado pelas personagens no momento mesmo do dizer interjetivo por elas mesmas.

Para demonstrar a operacionalidade dessa noção de interjeição, Caixeta (2005) cria o conceito de rede interjetiva, que é uma denominação referente ao envolvimento emocional ou emotivo com esses “objetos” – esse envolvimento se dá pela manifestação de, pelo menos, uma interjeição. Segundo Caixeta (2005), se o falante reage emocional e emotivamente com todos os “objetos” da rede interjetiva, o grau de envolvimento é elevado. Numa reação com menos elementos, menor grau de envolvimento. Considerando a noção de rede interjetiva, Caixeta (2015) afirma que uma interjeição “não é uma palavra, mas um enunciado, que se inscreve semioticamente como parte de uma situação sociocomunicativa” (p. 175).

Caixeta (2015) propõe a seguinte divisão: interjeições emocionais e interjeições emotivas. As emocionais são não intencionais e presentificadas, ou seja, o sujeito vive um estado emocional no momento mesmo de proferi-las. Já as emotivas são intencionais e descritivas, uma vez que o sujeito interjetivo explicita metalinguisticamente o próprio estado emotivo. Essas interjeições emotivas são subdivididas em volitivas, cognitivas, persuasivas e formulaicas. O detalhamento dos cinco tipos é apresentado a seguir.

As interjeições emocionais são as que manifestam vividamente uma emoção do enunciador. “O componente que subjaz às interjeições emocionais é *Eu sinto algo*” (CAIXETA, 2015, p. 168). Ainda de acordo com o autor, essas interjeições são a própria emoção em ato, daí seu caráter vívido. São não experienciais (CAIXETA, 2015) – “experienciais” diz respeito àquilo que é vivido, que faz parte da experiência de vida de cada um. Dizer que as interjeições são “não experienciais” significa dizer que elas são manifestações emocionais presentificadas e vividas reativa e provisoriamente numa dada situação.

As interjeições volitivas exprimem desejo futuro do próprio enunciador, algo que se pressupõe ainda não alcançado ou ocorrido. “O componente que subjaz às interjeições volitivas é *Eu (não) quero algo*” (CAIXETA, 2015, p. 184). Esse grupo de interjeições requer, metalinguisticamente, a descrição do desejo do sujeito interjetivo. Essa classificação abarca as interjeições que exprimem pedido de proteção ou auxílio. Dessa forma, são experienciais (CAIXETA, 2015).

As interjeições cognitivas são as que expressam o pensamento do enunciador. “O componente que subjaz às interjeições cognitivas é *Eu penso algo*” (CAIXETA, 2015, p. 176). São capazes de sinalizar uma relação entre uma observação e uma reflexão, e são pouco ou nada performativas, embora sua ausência interfira no fluxo conversacional ou na progressão textual. Desse modo, são experienciais (CAIXETA, 2015).

As interjeições persuasivas são as enunciadas com o objetivo “de levar a crer ou a aceitar, de determinar a vontade de, de convencer e induzir. O componente que subjaz às manifestações interjetivas persuasivas é *Eu (não) quero que você faça isso*” (CAIXETA,

2015, 192). Embora sejam da ordem do emotivo, essas interjeições voltam-se para um destinatário, com valor conativo, de forma que verbos no imperativo geralmente compõem essas manifestações. Por meio dessas interjeições, o enunciador sinaliza sua intenção em relação ao interlocutor. Estão circunscritas em um modelo social que subordina a relação enunciador-destinatário. São também experienciais.

Por fim, as interjeições formulaicas são as que correspondem à manifestação de um ritual. “O componente que subjaz às interjeições formulaicas é *Eu devo seguir algo*” (CAIXETA, 2015, p. 199). Ainda de acordo com o autor, a emissão dessas interjeições “chama mais atenção por serem fórmulas sociais de interação do que por serem necessariamente uma reação emotiva particularizante do falante interjetivo” (CAIXETA, 2015, p. 205). Essas fórmulas sociais são gestos, atitudes e comportamentos exigidos em determinadas situações, como cumprimentar ou despedir-se de alguém numa dada circunstância social. São, assim, experienciais.

As inúmeras manifestações interjetivas presentes nas *Memórias*, distribuídas em conformidade com a classificação proposta por Caixeta (2015), podem sinalizar atributos não só emocionais repentinos, mas também comportamentais dos personagens. Manifestações interjetivas como “Jesus!”, “Cruz, diabo!”, “Céus!”, “Coitadinha!”, “Ah, meu Deus! meu Deus!”, “Valha-me Deus!”, “Ah, brejeiro! ah! brejeiro!”, “Magnífica!”, “Viva o passado!”, entre várias outras presentes nas *Memórias*, são indícios de como as personagens reagem em dadas situações sociocomunicativas.

A proposta de Caixeta (2015) está sintetizada no quadro a seguir.

Quadro 1: Tipos de interjeições, estado mental e reação promovida

Tipos de interjeições		Estado mental	Reação promovida
Interjeições emocionais		<i>Eu sinto algo.</i>	Emocional e não experiencial
Interjeições emotivas	Cognitivas	<i>Eu penso algo.</i>	Emotiva e experiencial
	Persuasivas	<i>Eu (não) quero que você faça algo.</i>	
	Volitivas	<i>Eu (não) quero algo.</i>	
	Formulaicas	<i>Eu devo seguir algo.</i>	

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

No quadro a seguir, são apresentadas manifestações interjetivas transcritas das *Memórias*, para demonstrar o estado mental contextualizado de cada um dos tipos de interjeições.

Quadro 2: Tipos de interjeições, exemplos e estado mental contextualizado

Tipos de interjeições	Exemplos	Estado mental contextualizado
Emocional	“Rejeitei o primeiro alvitre, que era simplesmente absurdo, e encaminhei-me para Virgília, que lá estava sentada e calada. <u>Céus!</u> Era outra vez a fresca, a juvenil, a florida Virgília” (ASSIS, [1881] 1992, p. 73).	<i>Eu sinto algo.</i> Eu estou surpreso, porque esperava que Virgília estivesse doente, mas a vejo saudável.

Emotiva	Cognitiva	“– Não se esqueça de Dona Plácida. Vá vê-la algumas vezes. <u>Coitada!</u> Foi ontem despedir-se de nós; chorou muito, disse que eu não a veria mais...” (ASSIS, [1881] 1992, p. 141).	<i>Eu penso algo.</i> Eu penso que Dona Plácida é uma “coitada”, porque a nossa ausência a deixará chateada.
	Persuasiva	Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com Cotrim, – a filha, um lírio do vale, – e... <u>Tenham paciência!</u> daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora” (ASSIS, [1881] 1992, p. 17).	<i>Eu (não) quero que você faça algo.</i> Eu quero (ordenho) que os leitores tenham paciência, porque daqui a pouco direi o nome da terceira senhora.
	Volitiva	“O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei a escrever o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. <u>Valha-me Deus!</u> é preciso explicar tudo” (ASSIS, [1881] 1992, p. 160).	<i>Eu (não) quero algo.</i> Eu quero que Deus me socorra, porque preciso explicar tudo para os leitores.
	Formulaica	“– Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba. [...]. Agora, <u>adeus</u> ; vejo que está impaciente. – <u>Adeus!</u> ” (ASSIS, [1881] 1992, p. 92).	<i>Eu devo seguir algo.</i> Eu devo seguir as convenções sociais, por isso digo “adeus”.

Fonte: elaborado pelos autores, 2021.

Os exemplos selecionados para compor o Quadro 2 mostram que as manifestações interjetivas são reações aos elementos da rede interjetiva, tomados isoladamente ou em conjunto. Desse modo, são elas dêiticas por excelência: indicam, de modo vívido e presentificado, o estado de emoções em que se encontra o falante no momento mesmo de proferi-las. Machado de Assis, na esquematização de suas personagens, recorrerá ao fenômeno interjeição para salientar, nas entrelinhas, o perfil emocional, emotivo, social e psicológico de suas personagens nas *Memórias*.

4 MACHADO DE ASSIS COMO MANIPULADOR DE INTERJEIÇÕES

Para apresentar argumentos favoráveis à tese de que Machado de Assis, nas *Memórias*, é um manipular de interjeições, foram necessários alguns passos, já descritos. A identificação das manifestações interjetivas para a composição do *corpus* foi feita com base em Caixeta (2005, 2015). Nas duas obras, Caixeta salienta que a intenção (emocional ou emotiva) do falante ao proferir interjeições se sobrepõe a forma que elas possam ter. Enfim, para Caixeta as manifestações interjetivas são de natureza pragmática.

Após o levantamento das manifestações interjetivas nas *Memórias*, foram selecionadas, para a presente análise, as proferidas por Brás Cubas (narrador e

personagem), por Dona Eusébia e por Virgília. Ao todo, foram identificadas 167 manifestações interjetivas proferidas por essas quatro personagens. Os enunciados dúbios, cuja natureza interjetiva é questionável, não foram levados em consideração. Os tipos proferidos pelos personagens selecionados assim como os percentuais, encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 1: Percentagem de manifestações interjetivas proferidas pelas personagens selecionadas

	Interjeições emocionais	Interjeições emotivas				Total
		Interjeições cognitivas	Interjeições volitivas	Interjeições persuasivas	Interjeições formulaicas	
Brás Cubas narrador	16 (14,29%)	75 (66,96%)	7 (6,25%)	7 (6,25%)	7 (6,25%)	112 (67,07%)
Brás Cubas Personagem	6 (25%)	9 (37,5%)	–	8 (33,34%)	1 (4,16%)	24 (14,37%)
Dona Eusébia	4 (44,45%)	3 (33%)	1 (11,11%)	1 (11,11%)	–	9 (5,39%)
Virgília	11 (50%)	6 (27,27%)	2 (9,09%)	–	3 (13,64%)	22 (13,17%)
Total	37 (22,16%)	93 (55,69%)	10 (5,99%)	16 (9,58%)	11 (6,58%)	167 (100%)

Fonte: dados da pesquisa, 2021.

Com base nos dados levantados, pode-se perceber que Brás Cubas narrador profere, em sua maioria, interjeições emocionais e cognitivas – respectivamente 14,29% e 66,96% do total de interjeições proferidas por ele. A seguir, são apresentadas manifestações interjetivas proferidas por Brás Cubas narrador, analisadas com base nos *Quadro 1* e *2*, apresentados anteriormente.

- (01) Jacó refletiu um instante, depois confessou a justeza da minha observação, mas desculpou-se dizendo que a veracidade absoluta era incompatível com um estado social adiantado, e que a paz das cidades só se podia obter à custa de embaçadelas recíprocas... Ah! lembra-me agora: chamava-se Jacó Tavares. (ASSIS, [1881] 1992, p. 118).
- (02) Essa voz saía de mim mesmo, e tinha duas origens: a piedade, que me desarmava ante a candura da pequena, e o terror de vir a amar deveras, e desposá-la. Uma mulher coxa! (ASSIS, [1881] 1992, p. 67).

No fragmento (01), Brás Cubas narrador faz a emissão de uma interjeição emocional: é um sentimento de surpresa diante do fato de ter se lembrado do nome da outra personagem, uma vez que, dois parágrafos antes deste em que se encontra a manifestação interjetiva em análise, o narrador confessa: “o homem mais probo que conheci em minha vida foi um certo Jacó Medeiros ou Jacó Valadares, não me recorda

bem o nome” (ASSIS, [1881] 1992, p. 118). Assim, manifesta-se um sujeito emocional, que vive a emoção no momento mesmo de proferir a interjeição “Ah!”. Brás Cubas está envolvido, emocionalmente, com ele mesmo e com a própria mensagem (conteúdo) do seu dizer. Está implícito, na emissão dessa interjeição, o estado mental contextualizado <eu estou surpreso por ter me lembrado do nome do Jacó Tavares>.

Já no fragmento (02), Brás Cubas narrador profere uma interjeição cognitiva tendo em vista a surpresa de uma voz sair-lhe por dois motivos: a ternura que sentia por Eugênia, ainda que ela tivesse uma deficiência física, e o medo de amá-la e afeiçoar-se a ela devido à deficiência física dela. Brás Cubas narrador, na manifestação da interjeição assinalada, revela-se envolvido emotiva e cognitivamente com o conteúdo de seu dizer. Desse modo, pode-se perceber que Brás Cubas narrador é um sujeito interjetivamente emocional e cognitivo, na medida em que deixa transparecer, no texto, suas emoções (sustos, anuências repentinas etc.) e suas opiniões e juízos de valor, ao comentar, de maneira interjetiva, aquilo que o rodeia. Ao emitir a interjeição cognitiva assinalada no fragmento (02), Brás Cubas narrador deixa entrever o estado mental contextualizado <eu penso que uma mulher coxa pode despertar sentimentos dúbios>.

Quando se observa a Tabela 1, nota-se que as manifestações interjetivas de Brás Cubas personagem são, em sua maioria, cognitivas e persuasivas – respectivamente 37,5% e 33,34% do total de interjeições emitidas por ele. Embora Brás Cubas personagem e Brás Cubas narrador sejam a mesma pessoa, mas sujeitos distintos, separados pela morte – o livro inicia-se justamente com o óbito do autor –, as manifestações interjetivas predominantemente emitidas são distintas. Assim, o narrador não permanece com as características do personagem. Dentre as manifestações interjetivas emocionais, embora não sejam maioria, merece destaque esse borbotão interjetivo:

(03)

!
 ..!
!
 (ASSIS, [1881] 1992, p. 86).

Como no fragmento selecionado há três sinais exclamativos e não há como identificar o conteúdo proposicional, opta-se por afirmar que são manifestações interjetivas aos borbotões: uma série encadeada de interjeições proferidas por uma mesma personagem. Para Caixeta (2015), o falante, ao proferir interjeições aos borbotões, encontra-se num “êxtase interjetivo”. Essa série de interjeições do fragmento (03) só é possível no campo da escrita, já que são *gráficas*. Parece serem manifestações interjetivas emocionais não experienciais, o que significa dizer que o sujeito interjetivo vive abrupta e provisoriamente as emoções sentidas. Machado de Assis utiliza-se dos recursos do universo gráfico (da escrita) para sinalizar uma emoção vivida, presentificada por Brás Cubas personagem. O *Capítulo LV – O velho diálogo de Adão e Eva*, do qual foi retirado o fragmento (03), é inteiramente gráfico, com exceção das rubricas sinalizadores de quem é o turno: ou de Brás Cubas, ou de Virgília. Se na tradição é dito que as interjeições são palavra-frase, as manifestações interjetivas presentes no *Capítulo LV* criam uma

atmosfera textual de sedução – quem sabe, de “pecado original”. Machado de Assis, por meio das interjeições gráficas criadas por ele mesmo – não há como Brás Cubas proferir interjeições gráficas – envolve Brás Cubas num atmosfera emocional. De fato, não há como apresentar o(s) estado(s) mental(is) para as interjeições gráficas do fragmento (03). O que se pode afirmar é que há, nesse capítulo, numa perspectiva intertextual, semioses interjetivas (e literárias) para o “velho diálogo de Adão e Eva”.

Essas interjeições gráficas são uma peculiaridade de Machado de Assis nas *Memórias*. Tal recurso parece ser, na literatura brasileira, inovador: primeiro porque Machado de Assis utiliza-se apenas de sinais gráficos para compor um capítulo do livro; segundo porque é impensável, numa narrativa escrita, a ausência de palavras no desenrolar de uma cena. Deve-se salientar que nem todos os turnos do *Capítulo LV* são marcados por tom exclamativo; somente os marcados devem ser considerados interjetivos. Esse capítulo das *Memórias* indica que Machado de Assis é um escritor de recursos semióticos sofisticados. Nesse sentido, pode-se dizer que é um metaescritor: põe em evidência uma “reflexão” sobre o funcionamento da linguagem, o que pode ser percebido principalmente no uso singular de interjeições gráficas.

Quanto a outras manifestações, destacam-se as seguintes:

- (04) Sentei-a [Sabina] ao pé de mim, falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo. Tudo ia bem; a filha estava linda como os amores. O marido viria mostrar-ma, se eu consentisse.
– Ora essa! irei eu mesmo vê-la. (ASSIS, [1881] 1992, p. 111).
- (05) – Não percebeste que era mentira, que eu dizia isso para te não molestar? Vem cá, *chiquito*, não sejas assim desconfiado comigo... Amei a outro; que importa, se acabou? Um dia, quando nos separarmos...
– Não digas isso! bradei eu. (ASSIS, [1881] 1992, p. 43).

A interjeição presente no fragmento (04), proferida por Brás Cubas personagem, é do tipo cognitiva, uma vez que deixa entrever uma reação de espanto diante do que foi dito por sua irmã, Sabina, como se fosse desonroso pedir que o marido dela viesse trazer a filha para vê-lo: ele mesmo, Brás, iria até ela – embora a sobrinha entre na sala em que estavam, instantes depois. Assim, a personagem emite experencialmente um juízo de valor, no qual subjaz o julgamento complexo <eu penso que seria uma desonra exigir que sua filha viesse me ver, ao invés de eu ir vê-la>. Brás Cubas personagem revela-se, ao proferir a interjeição assinalada anteriormente, um sujeito que julga emotiva e experencialmente a situação na qual se encontra inserido.

Já no fragmento (05), tem-se uma manifestação interjetiva do tipo persuasiva. Brás Cubas personagem brada, exigindo que a outra personagem não falasse sobre a separação dos dois. A emotividade de Brás Cubas personagem, nessa ocorrência interjetiva, é de natureza experiencial. Na interlocução, intermediada pela manifestação interjetiva assinalada no fragmento (05), está implícito o julgamento complexo <eu quero

que você, Marcela, não me diga o que se passou com você quando se separou de seu amante anterior>.

Quanto à Dona Eusébia, percebe-se que profere, em sua maioria, manifestações interjetivas emocionais – 44,45% do total de interjeições emitidas por ela. No fragmento transcrito a seguir, percebem-se manifestações interjetivas diversas proferidas por Dona Eusébia.

- (06) Creio que chegou a cingir-me com o seu par de braços robustos. Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:
– Ora, o Brasinho! Um homem! Quem diria, há anos... Um homenzarrão! E bonito! Qual! (ASSIS, [1881] 1992, p. 61).

O fragmento (06) evidencia que Dona Eusébia é uma personagem de “muitas exclamações”. Pode-se dizer que ela se encontra, nesse fragmento, em “êxtase interjetivo”. As ocorrências interjetivas, no fragmento, são uma sequência de manifestações interjetivas de naturezas diferentes: “Ora (,o Brasinho)!” e “Qual!” são emocionais, ao passo que “Um homem! Quem diria, há anos... Um homenzarrão! E bonito!” são uma sequência de interjeições cognitivas. Este fragmento ilustra o que Caixeta (2015, p. 206) chama de “complexo interjetivo”, fenômeno no qual “há sinalização de mais de um estado mental corrente do falante”.

Assim, por meio do complexo interjetivo, Machado de Assis colore emocional e emotivamente o fragmento, a fim de presentificar a emoção de Dona Eusébia: surpresa diante de Brás Cubas, não mais um menino, mas um homem, e avaliação emotiva ao dizer “Um homem!”, “Um homenzarrão!” e “E bonito!”. A sucessão de várias interjeições proferidas aos borbotões confere um tom dramático à cena. Dona Eusébia *vive*, no momento mesmo de se manifestar emocional e emotivamente, um êxtase interjetivo. O estado mental contextualizado para as interjeições emocionais proferidas por Dona Eusébia, no fragmento (06) é <estou me sentindo surpresa com a mudança de Brás Cubas>. Já o estado mental contextualizado para as manifestações interjetivas cognitivas, no fragmento em análise, é <eu penso que Brás Cubas hoje é um homem adulto e bonito>.

Outro fragmento que merece destaque é o seguinte:

- (07) Digo lá dentro, porque cá fora o que esvoaçou foi uma borboleta preta, que subitamente penetrou na varanda, e começou a bater as asas em derredor de D. Eusébia. D. Eusébia deu um grito, levantou-se, praguejou umas palavras soltas: – T'esconjuro!... Sai, diabo!... Virgem Nossa Senhora!... (ASSIS, [1881] 1992, p. 62).

Percebe-se, nesse fragmento (07), por meio do complexo interjetivo, uma coloração emocional e emotiva pretendida pelo escritor – considerando que o narrador seja controlado pelo escritor –, uma vez que ele afirma que Dona Eusébia “deu um grito” e “praguejou”. No fragmento, notam-se ocorrências interjetivas de naturezas distintas: “T'esconjuro!...” é uma interjeição volitiva; “Sai, diabo!...”, persuasiva; e “Virgem Nossa

Senhora!...”. O estado mental contextualizado para a primeira ocorrência é <Eu desejo à borboleta algum mal>; para a segunda é <Eu ordeno à borboleta que ela saia>; para a terceira é <Eu me sinto incomodada com tudo isso>.

Quanto à Virgília, 50% das manifestações interjetivas proferidas por ela são emocionais: estamos diante de uma personagem absolutamente dada a emoções vívidas. Os fragmentos a seguir ilustram as manifestações interjetivas proferidas por Virgília.

- (08) Inclinei-me para ela, travei-lhe dos pulsos, sussurrei-lhe os nomes mais doces da nossa intimidade; mostrei-lhe o perigo; o terror apaziguou-a.
 – Não posso, disse ela daí a alguns instantes; não deixo meu filho; se o levar, estou certa de que ele me irá buscar ao fim do mundo. Não posso; mate-me você, se o quiser, ou deixe-me morrer... Ah! meu Deus! meu Deus! (ASSIS, [1881] 1992, p. 97).
- (09)! (ASSIS, [1881] 1992, p. 86).

A sucessão de manifestações interjetivas no fragmento (08) é do tipo emocional, pois há uma descarga emocional presentificada por parte da personagem. Percebe-se um relevo expressivo encabeçado pela manifestação interjetiva “Ah!” seguida pela repetição interjetiva “meu Deus!”. São manifestações emocionais proferidas aos borbotões, o que fornece à situação (e ao texto) uma coloração emocional. O estado mental contextualizado desse êxtase interjetivo do fragmento (08) é <Eu me sinto perturbada com a situação em que nos encontramos>. Embora esse êxtase interjetivo encontra-se num turno dialogal, a emoção nele ou por ele sugerida não se direciona ao interlocutor Brás Cubas narrador/personagem – Virgília se deixa expor emocionalmente após o conteúdo de sua fala, ao contrário de, por exemplo, de Brás Cubas personagem e de Dona Eusébia, que se manifestam interjetivamente na transição de turnos.

Já no fragmento (09), tem-se, assim como no fragmento (03), de Brás Cubas personagem, uma interjeição gráfica do tipo emocional, transcrita também do *Capítulo LV*. A ausência de palavras, neste capítulo, exige do leitor um (possível) protagonismo, já que ele deve “construir” o diálogo entre Brás Cubas e Virgília. Essa “construção” seria guiada pelo título “O velho diálogo de Adão e Eva”, como já mencionado. Dessa forma, Machado de Assis, colore emocionalmente o capítulo, imprimindo nele dramaticidade singular. As manifestações interjetivas, devido ao seu poder de encapsulação emocional e emotiva, são um instrumento para a criação de uma ambiência expressiva vívida. Nesse *Capítulo LV*, marcadamente interjetivo, Machado de Assis denuncia-se a si mesmo como um manipulador de interjeições; de emoções, portanto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisou-se o fenômeno interjetivo em uma das mais importantes obras da Literatura Brasileira: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Para isso, utilizou-se da classificação proposta por Caixeta (2015): manifestações interjetivas emocionais e emotivas (volitivas, cognitivas, persuasivas e formulaicas).

Foram identificadas as manifestações interjetivas proferidas por quatro personagens – Brás Cubas narrador, Brás Cubas personagem, Dona Eusébia e Virgília. Foi identificado um total de 167 manifestações, das quais 130 eram do tipo emotivas; isso permite concluir que, na maioria das vezes, essas personagens manifestam-se de forma emotivamente experiencial, na medida em que proferem aquilo que vivem: juízos de valor, ordens, desejos ou comportamentos sociais.

Analisando as manifestações interjetivas identificadas, percebeu-se:

- Brás Cubas narrador é uma personagem emocional e emotivamente cognitiva nas suas reações com os elementos da rede interjetiva, pois deixa transparecer suas emoções (sustos, anuências, ironias etc.) e suas opiniões e juízos de valor. É a mais interjetiva das personagens (emite 67,07% das manifestações interjetivas selecionadas) – isso porque, em primeiro lugar, detém o turno na maior parte do tempo; em segundo lugar, é um defunto autor, o que faz com que ele não precise ter receio de se manifestar subjetivamente, por mais mordazes que sejam seus posicionamentos (66,96% de suas manifestações interjetivas são cognitivas). Além disso, profere poucas interjeições do tipo volitivas, persuasivas e formulaicas, pois, por ser um defunto autor, já não manifesta interjetivamente seus desejos e ordens, e já não está subordinado a regras sociais.
- Brás Cubas personagem é uma personagem emotivamente cognitiva e persuasiva nas suas reações com os elementos da rede interjetiva. Machado de Assis faz com que o personagem deixe transparecer, por meio das manifestações interjetivas, as opiniões e ordens. O fato de as manifestações interjetivas persuasivas serem recorrentes nas falas dessa personagem é algo que o próprio autor, travestido de narrador, deixa transparecer no *Capítulo XI*, em que afirma que Brás era um “menino diabo” (ASSIS, [1881] 1992, p. 32), e que chegava a fazer de cavalo um dos escravos, revelando-se uma criança dada à pirraça e às peraltagens, ou seja, um sujeito imperativo.
- Dona Eusébia se caracteriza pela emissão de interjeições de tipos diversos. A maioria de suas manifestações interjetivas, 44,45% das por ela proferidas, é do tipo emocional e, em muitos casos, essa emissão é feita aos borbotões. Dona Eusébia comumente se encontra num “êxtase interjetivo”. Dessa forma, Dona Eusébia manifesta-se, predominantemente, como uma personagem emocional. Sua caracterização é feita por Machado de Assis como sendo alguém de “muitas exclamações de contentamento”; de um “alvorço, um prazer tão sincero” (ASSIS, [1881] 1992, p. 61). O fato de ela não proferir nenhuma interjeição formulaica revela que não está muito preocupada com padrões e comportamentos sociais.
- Virgília é uma personagem emotivamente emocional – 50% de suas manifestações interjetivas são emocionais, deixando transparecer, na grande maioria das vezes, o que ela está sentindo. Merece destaque o Capítulo LV – O

velho diálogo de Adão e Eva, no qual Virgília e Brás não proferem nenhuma palavra, ficando a cargo do leitor preencher as lacunas deixadas por Machado de Assis. Outro detalhe importante é que essa personagem, amiúde, profere as mesmas manifestações interjetivas, o que reforça sua conduta social (forçosamente) retilínea. Virgília, ao proferir interjeições formulaicas (13,64% das proferidas por ela), revela-se uma personagem que se preocupa com padrões e comportamentos sociais, diferentemente de Dona Eusébia. O fato de Virgília ser casada com Lobo Neves, um homem de carreira política e vida pública, pode fazer com que ela intensifique essa preocupação.

Por meio deste trabalho, identificou-se a existência de manifestações interjetivas gráficas: manifestações de ordem emocional que não são expressas lexicalmente, mas apenas graficamente. Não é possível descrever o conteúdo proposicional dessas interjeições gráficas; é possível reconhecer nelas a habilidade de Machado de Assis para manipular recursos semióticos diversos a fim de instaurar (ou sugerir) semioses imprevisíveis. Essas interjeições gráficas revelam, por excelência, a habilidade de Machado de Assis de criar semioses diversas e inusitadas.

Segundo Rosenfeld (1976), o autor, por meio de recursos diversos, torna as personagens inesgotáveis e insondáveis. Não seria as manifestações interjetivas proferidas pelas personagens, nas *Memórias*, um desses recursos capazes (i) de colorir, expressiva, emocional e emotivamente, as trocas comunicacionais (ou entre as personagens, ou entre o narrador e o leitor) e (ii) de singularizar, social e psicologicamente, o falante interjetivo. Talvez a configuração esquemática de que fala Rosenfeld (1976) seja rígida apenas na produção da narrativa. Caberia ao leitor perceber que as manifestações interjetivas presentes nas *Memórias* são uma possibilidade de buscar o inesgotável e o insondável das personagens.

As ocorrências de interjeições nas *Memórias* têm a mesma origem: Machado de Assis. Esse escritor *manipula* cada enunciado interjetivo a ser proferido pelas personagens, as quais, assim manipuladas, deixam transparecer, de maneira abrupta e vívida, ora uma emoção, ora um desejo, ora um pensamento, ora uma ordem, ora um comportamento social. Nas *Memórias*, Machado de Assis oferece ao leitor, por meio das interjeições proferidas pelas personagens, a possibilidade de contribuir para a montagem dos perfis das personagens. No desenrolar da narrativa, a personagem só profere o que o “bruxo” selecionou em seu “caldeirão” a fim de fazer a magia acontecer; na recepção da narrativa, o leitor, ao deparar-se com as manifestações interjetivas, pode ir além da configuração esquemática – pode perceber que o falante interjetivo (no caso, as personagens de *Memórias*) é um sujeito da imprevisibilidade no uso da língua(gem).

.....!.....?!.....!.....?!

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. (1881). **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2008.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1985.

CAIXETA, Geovane Fernandes. **“Macacos me mordam!” Interjeição: uma “classe” no limbo do sistema linguístico do português brasileiro.** 2005. 123 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CAIXETA, Geovane Fernandes. **“Que bom, que bom, ai que bom!” Da existência da relação retórica de interjeição.** 2015. 260 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff. **Literatura brasileira: história e texto.** 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 1999. vol. 2.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In: CANDIDO, Jose et al. A personagem de ficção.* 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 51-80.

CARDOSO, João Batista. **Teoria e prática de leitura, apreensão e produção de texto.** São Paulo: Ed. Edunb, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto.** Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

FREITAS, Deise J. T. de. **A composição do estilo do contista Machado de Assis.** 2009. 204 f. Tese (Doutorado em Literatura), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GONÇALVES, Miguel. **A interjeição em português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva.** Coimbra: FCG/FCT, 2002.

PEREIRA, Astrogildo. Machado de Assis na crítica. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1939. p. 17.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção.* 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 9-49.

SIMÕES, Susana Bettencourt e Ávila dos Santos. **Da natureza da exclamação enquanto conceito teórico: abrangências e convívios nocionais.** 2011. 418 p. Tese (Doutorado em Línguas e Literaturas Modernas), Universidade de Coimbra, 2011.